

NO QUARTO ANIVERSÁRIO DA GUERRA NA UCRÂNIA, UMA PERSPECTIVA OCIDENTAL EXTREMAMENTE PERIGOSA

No quarto aniversário da operação militar russa, Jeffrey Sachs classifica a guerra como desastre estratégico ocidental; enquanto o Oriente Médio distrai os EUA, a Rússia avança no leste ucraniano; a hegemonia americana desafia a multipolaridade dos BRICS, mas a frente europeia exibe tensões e escassez de recursos.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A pesar das ações militares no Oriente Médio, a guerra na Ucrânia continua a ganhar força, tendo-se comemorado há poucos dias o quarto aniversário do início da Operação Militar Especial, ou o quarto aniversário da invasão russa da Ucrânia, dependendo da perspectiva. Isso ocorreu em 24 de fevereiro de 2022.

É também, em certa medida, o décimo segundo aniversário do golpe de Estado apoiado pela OTAN na Ucrânia, em 22 de fevereiro de 2014, que, indiscutivelmente, desencadeou esta guerra. Diante disso, compartilhamos com nossos leitores trechos de uma entrevista recente de Glenn Diesen com Jeffrey Sachs.

Sachs começa dizendo: “Esta guerra tem sido simplesmente um desastre em todos os níveis. É claro que é um desastre humanitário, especialmente para a Ucrânia. E também tem sido um desastre estratégico que está dilacerando a Europa e, bem, continua nos aproximando cada vez

mais de uma possível guerra nuclear.”

Ele então relembra algo que já mencionei diversas vezes nesta coluna: “Todo esse fiasco, todo esse desastre, começou com as ideias da década de 1990 de que, ao final da Guerra Fria, os Estados Unidos reinariam supremos e poderiam integrar a Rússia a um mundo liderado por Washington. Essa era a ideia básica, e que, na verdade, não só isso aconteceria, como também reduziria a Rússia a uma potência de terceira categoria, talvez até mesmo dividindo-a.”

Continuando com Sachs: “Zbigniew Brzezinski, o mais eloquente de todos esses visionários iludidos, escreveu na década de 1990 que talvez a Rússia se fragmentasse em três estados vagamente confederados: uma Rússia Europeia, uma Rússia Siberiana e uma Rússia do Extremo Oriente. Isso era triunfalismo. A ideia era que os EUA eram inigualáveis e inabaláveis e que, portanto, não haveria guerra. A Rússia acataria qualquer exigência dos Estados Unidos. E quando a Rússia não acatou as exigências dos Estados Unidos, essa foi a razão pela qual a guerra continuou. E quando a Rússia demonstrou que podia resistir ao que os Estados Unidos e a Europa consideravam um golpe devastador para a Rússia depois de 2014, e depois de 2022, e a Rússia resistiu a isso e mostrou que o poder ocidental era menor do que se pensava, isso por si só se tornou, para esses políticos, a razão necessária para continuar lutando.”

UM VERDADEIRO CRIMINOSO

E, como sempre, Incalaperra se envolveu...

O prof. Sachs nos lembra: “Boris Johnson, um dos verdadeiros criminosos em tudo isso, um verdadeiro culpado nesta guerra, disse em uma entrevista que não poderia permitir que a Ucrânia assinasse um acordo de paz com a Rússia na primavera de 2022 porque isso seria uma ameaça à hegemonia ocidental. Então, são crianças brincando de tabuleiro. Claro que não é um jogo de tabuleiro. São milhões de vidas perdidas. Economias devastadas. Oportunidades de vida desperdiçadas nas mãos de um pequeno grupo que vem jogando o que eles acreditam ser um jogo de hegemonia ocidental.”

Neste quarto aniversário, o conflito no Oriente Médio volta à tona.

“Mas agora que Trump, que tem seu próprio conjunto de ilusões – e está interessado em outras ilusões, não nesta –, os europeus ainda não conseguem encontrar uma saída porque eles próprios se iludiram, pensando que, bem, se os Estados Unidos não vão afirmar a hegemonia ocidental, nós o faremos.”

Pelo que entendemos, e como outros analistas concordam, certos segmentos da liderança ocidental não superaram algumas das ilusões dos Estados Unidos. Com base em eventos recentes em Gaza, Venezuela, Irã, etc., podemos interpretar que eles veem, ou sonham com, seu mapa-múndi como se possuíssem todas as Américas por causa da Doutrina Monroe, como se possuíssem a Europa, como se dominassem o Oriente Médio (e demonstrassem isso

entrando em guerra contra o Irã) e como se pretendessem dominar a Índia e o Sudeste Asiático para cercar a China. É uma visão bastante perigosa. Mas, acreditamos, não está muito longe da realidade.

Por outro lado, os países do BRICS – Rússia, Índia, China, Brasil, África do Sul e, agora, Egito, Etiópia, Emirados Árabes Unidos e Irã – já representam metade da população mundial e não querem ser intimidados por ninguém. A União Africana, com seus 55 estados-membros, também não deseja a hegemonia dos EUA; almeja prosperidade e tecnologia, e vê a China, a Índia e a Rússia como bons parceiros para alcançar esses objetivos.

ALGUNS INDÍCIOS

Trump, juntamente com Israel, lançou uma grande operação militar com o objetivo declarado de mudança de regime no Irã. Acreditamos que isso polarizará ainda mais os aliados e adversários globais dos Estados Unidos. Alguns verão isso como uma renovada determinação americana, outros como imprudência estratégica e um desrespeito ainda maior ao direito internacional. Uma guerra liderada por EUA e Israel, desviando atenção e recursos para o Oriente Médio, pareceria ser um presente estratégico para a Rússia e a China.

Vamos explicar: a Rússia poderia estreitar seus laços militares e energéticos com um Irã enfraquecido e capitalizar sobre a distração do Ocidente em relação à sua guerra contra a Ucrânia. A China, por outro lado, poderia se posicionar como um estabilizador ou mediador responsável, continuar comprando energia a preços favoráveis e retratar os Estados Unidos como a principal causa da instabilidade global. A Ucrânia poderia, assim, ser relegada a um papel secundário.

No pior cenário, isso significaria ainda menos recursos, especificamente mísseis antiaéreos Patriot. É preciso analisar a situação com mais detalhes. A Ucrânia está sob imensa pressão. Durante os três meses de inverno, de dezembro de 2025 a fevereiro de 2026, a Rússia atacou com quase 19.000 drones de combate, mais de 14.670 bombas planadoras e 738 mísseis. Isso causou enorme destruição. Além disso, centenas de milhares de soldados ucranianos foram mortos, dados como desaparecidos ou feridos, sem mencionar a devastação em território ucraniano. A guerra de desgaste está entrando em seu quinto ano. A Ucrânia, acreditamos, precisa agora avaliar se é capaz de continuar a guerra, se o apoio dos Estados Unidos e da Europa é suficiente e se ainda consegue manter a frente de batalha.

A FRENTE EUROPEIA ESTÁ TENSA

Enquanto isso, a frente interna europeia continua a apresentar sinais de tensão. A Hungria e a Eslováquia acusam a Ucrânia de atrasar os reparos no oleoduto Druzhba para impedir o fornecimento de petróleo russo à Hungria. A Ucrânia acusa a Rússia de atacar o oleoduto. Há pouco fundamento para esta última alegação.

Para o governo ucraniano, esta questão não é uma prioridade. Devido à escassez de recursos, suas medidas estão focadas em melhorar a situação de sua própria população. Além disso, o governo não quer que petróleo e gás fluam da Rússia para a Europa, burlando assim as sanções. Soma-se a isso a tensa situação entre os países vizinhos. Vale ressaltar que a Rússia está construindo uma usina nuclear na Hungria. Dois novos reatores estão sendo construídos na usina nuclear de Paks, na Hungria, pela corporação estatal russa Rosatom. Apesar da guerra na Ucrânia e das críticas da UE, o projeto avança com empréstimos russos. Além disso, as eleições na Hungria estão marcadas para abril, o que significa que Orbán está tentando ganhar terreno político internamente.

O CAMPO DE BATALHA

A frente, com aproximadamente 1.300 quilômetros de extensão, no leste da Ucrânia, pode ser dividida em setores norte, central e sul. As tropas russas estão posicionando um total de seis grupos de manobra operacional na região.

São eles: o grupo “Sever” nas regiões de Sumy e norte de Kharkov; os grupos “Zapad” e “Centr” nas regiões leste e de Luhansk; os grupos “Yug” e “Vostok” na região de Donetsk; e o grupo “Dnipro” na região de Zaporizhzhia.

Atualmente, o grupo “Centr” a oeste de Siversk e o grupo “Vostok” a oeste de Hulyaypole estão obtendo os maiores sucessos. No entanto, o grupo “Vostok” está sob forte pressão devido aos ataques ucranianos ao sul de Pokrovsk, em seus flancos norte e esquerdo.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
